XI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA E
XXIX Semana de Iniciação Científica
Ciência, Inovação e Transformação Social no Semiárido
16 a 19 de Novembro de 2026
URCA-Universidade Regional do Cariri - Campus Iguatu
PRPGP- Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

DESMEDICALIZAÇÃO DO SOFRIMENTO PSICOSSOCIAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Yasmim Rodrigues Jorososki[1], Jorge Wagner Araújo da Silva[2], Viviane da Silva Amorim[3], Ana Karen Pereira de Souza[4], Ana Gyselle Lima Martins[5], Antônio Germane Alves Pinto[6].

RESUMO

A medicalização do sofrimento psicossocial representa um desafio para a Atenção Primária à Saúde (APS), especialmente quando questões sociais, emocionais e subjetivas são interpretadas predominantemente sob uma perspectiva biomédica. Nesse contexto, a desmedicalização propõe ampliar as formas de cuidado, valorizar a autonomia dos usuários e considerar os diferentes fatores envolvidos no processo saúde-doença. O objetivo deste estudo é analisar a produção científica acerca do fenômeno da medicalização e das possibilidades de desmedicalização do sofrimento psicossocial na APS. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e analítico, realizada nas bases de dados PubMed e SciELO, entre setembro e outubro de 2026. A busca utilizou os termos "demedicalization" e "Primary Health Care", na PubMed, e "desmedicalização", "saúde mental" e "Atenção Primária à Saúde", na SciELO. Após a aplicação dos critérios de inclusão e seleção por títulos, resumos e textos completos, três artigos científicos compuseram a revisão. Os resultados evidenciam que a medicalização pode favorecer a interpretação do sofrimento a partir de uma perspectiva predominantemente biomédica, reduzindo a consideração de fatores sociais e subjetivos. Em contrapartida, a desmedicalização destaca a importância da autonomia dos usuários, da valorização de suas experiências e da ampliação das possibilidades terapêuticas. Os estudos também apontam contribuições de práticas de cuidado que favorecem a participação dos indivíduos e a reflexão sobre suas necessidades. Entretanto, a quantidade reduzida de artigos e a presença de estudos predominantemente teóricos limitam a abrangência dos resultados, especialmente quanto às práticas de desmedicalização na APS. Conclui-se que a desmedicalização constitui uma perspectiva relevante para fortalecer o cuidado integral e humanizado, considerando a complexidade do sofrimento psicossocial. Sua valorização pode contribuir para práticas que respeitem a singularidade dos usuários, ampliem sua participação nas decisões terapêuticas e reconheçam os determinantes sociais da saúde.

Palavras-chave: Desmedicalização. Atenção Primária à Saúde. Saúde Mental. Impacto Psicossocial.

[1]Universidade Regional do Cariri, e-mail: yasmim.jorososki@urca.br
[2]Universidade Regional do Cariri, e-mail: jorge.araujo@urca.br
[3]Universidade Regional do Cariri, e-mail: viviane.amorim@urca.br
[4]Universidade Regional do Cariri, e-mail: anakaren.bruno@gmail.com
[5]Universidade Regional do Cariri, e-mail: anagyselle.martins@urca.br
[6]Universidade Regional do Cariri, e-mail: germane.pinto@urca.br

INTRODUÇÃO

A medicalização caracteriza-se pela ampliação da perspectiva médica sobre o cotidiano. Ivan Illich criticou a colonização médica da vida e o monopólio profissional do conhecimento, que podem comprometer a autonomia dos indivíduos. Em contraponto, a desmedicalização propõe práticas de cuidado que valorizem a autonomia e diferentes formas de compreender a saúde e a doença (Gaudenzi; Ortega, 2012). Nessa perspectiva, um estudo sobre pacientes atendidos por acupuntura no SUS (Sistema Único de Saúde) identificou benefícios terapêuticos, redução do uso de medicamentos e uma abordagem ampliada de cuidado, especialmente na Atenção Primária à Saúde (APS) (Silva; Tesser, 2013).

Diante disso, questiona-se: como a produção científica aborda a medicalização e as possibilidades de desmedicalização do sofrimento psicossocial na APS? Essa questão fundamenta-se na necessidade de compreender os limites da medicalização e valorizar a autonomia e a integralidade do cuidado. Assim, o estudo tem como objetivo descrever as produções científicas relacionadas à medicalização e às possibilidades de desmedicalização do sofrimento psicossocial na APS.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de caráter descritivo e analítico, acerca da medicalização e das possibilidades de desmedicalização do sofrimento psicossocial na APS. O referencial teórico foi fundamentado nas contribuições de Ivan Illich, discutidas por Tabet et al. (2017) e Gaudenzi e Ortega (2012), além de Silva e Tesser (2013). As buscas foram realizadas nas bases de dados PubMed e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), no período de setembro a outubro de 2026. Para orientar a pesquisa, foram consultados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), a partir dos quais selecionou-se os seguintes termos: “Desmedicalização”, “Atenção Primária à Saúde”, “Saúde Mental” e “Impacto Psicossocial”. Na PubMed, utilizou-se a combinação “*demedicalization* AND *Primary Health Care*”, enquanto na SciELO foi empregada a estratégia “desmedicalização AND saúde mental AND Atenção Primária à Saúde”.

A seleção incluiu as publicações nos idiomas português e inglês, com prioridade para estudos com relação direta com a temática investigada. Para a seleção dos estudos, inicialmente consultaram-se os títulos e resumos, considerando sua pertinência temática e sua relação com os objetivos da pesquisa. Posteriormente, procedeu-se à análise dos trabalhos potencialmente relevantes na íntegra, a fim de verificar sua adequação ao estudo. Ao final desse processo, selecionaram-se três artigos científicos, não sendo incluídas produções classificadas como literatura cinzenta. Após a seleção, os artigos receberam uma análise descritiva e interpretativa, buscando-se identificar e discutir os principais aspectos relacionados à medicalização, às possibilidades de desmedicalização e às práticas de cuidado no âmbito da APS. Os achados organizaram-se de acordo com os conceitos e aspectos identificados nos estudos, permitindo sua articulação com o referencial teórico adotado.

RESULTADOS

A literatura identifica diferentes perspectivas sobre a medicalização e as possibilidades de desmedicalização do sofrimento psicossocial. Os estudos Tabet et al. (2017), Gaudenzi e Ortega (2012), Silva e Tesser (2013) apresentam a influência do saber

médico sobre a vida cotidiana, os efeitos da medicalização na autonomia dos indivíduos e as possibilidades de ampliação das práticas de cuidado. Enquanto os dois estudos de Tabet et al. (2017), Gaudenzi e Ortega (2012), trazem discussões teórico-conceituais, fundamentadas principalmente nas contribuições de Ivan Illich e Michel Foucault. Já o estudo de Silva e Tesser (2013) investiga as experiências de pacientes submetidos à acupuntura no Sistema Único de Saúde (SUS). Em conjunto, essas produções oferecem subsídios para refletir sobre a necessidade de práticas de cuidado integral na APS (Tabet et al., 2017; Gaudenzi; Ortega, 2012; Silva; Tesser, 2013).

Tabet et al. (2017) discutem a crítica de Ivan Illich à expansão da medicina institucionalizada e às consequências da medicalização da vida. Os autores abordam a iatrogênese em suas dimensões clínica, social e cultural, evidenciando que a intervenção médica pode produzir efeitos prejudiciais e comprometer a autonomia das pessoas diante de experiências como a dor, a doença e o sofrimento. Essa perspectiva contribui para compreender que o sofrimento psicossocial não deve ser interpretado exclusivamente a partir de categorias biomédicas, pois também envolve fatores sociais e culturais. Na APS, essa reflexão reforça a importância de considerar a singularidade dos usuários e os diferentes aspectos que influenciam o processo saúde-doença (Tabet et al., 2017).

De maneira complementar, Gaudenzi e Ortega (2012) analisam a medicalização a partir das contribuições de Ivan Illich e Michel Foucault, destacando as relações entre saber médico, poder e autonomia, enquanto Illich enfatiza os efeitos da expansão da medicina sobre a capacidade dos indivíduos de lidar com suas próprias experiências. Foucault contribui para compreender como os saberes institucionais participam da regulação dos corpos e das populações. Os autores também ressaltam a importância da participação ativa dos indivíduos nos processos de medicalização e desmedicalização, que não se limita à rejeição de diagnósticos ou tratamentos, mas envolve a reflexão sobre as formas de cuidado e o enfrentamento do sofrimento (Gaudenzi; Ortega, 2012).

No campo empírico, Silva e Tesser (2013) analisaram a experiência de 30 pacientes atendidos com acupuntura nos serviços de atenção primária e secundária do SUS em Florianópolis, Santa Catarina. Os participantes relataram benefícios relacionados às queixas principais, ao sono, à disposição e ao estado emocional, além de redução do uso de medicamentos. Os autores também identificaram um cuidado mais ampliado, especialmente na APS. Entretanto, observaram que as explicações dos usuários sobre saúde e doença e suas práticas de autocuidado foram pouco ou nada modificadas. Esses resultados sugerem que práticas complementares podem ampliar as experiências de cuidado, mas não necessariamente transformam a autonomia dos usuários ou a maneira como enfrentam seus problemas de saúde (Silva; Tesser, 2013).

A articulação entre os estudos indica que a desmedicalização não se limita à redução do uso de medicamentos ou à substituição de tratamentos convencionais por práticas complementares. Embora a pesquisa sobre acupuntura tenha relatado diminuição do consumo de medicamentos, as poucas mudanças nas práticas de autocuidado demonstram que a transformação do cuidado envolve questões mais amplas. Nesse sentido, a autonomia, a participação dos usuários nas decisões terapêuticas e o reconhecimento dos aspectos sociais e subjetivos do sofrimento são fundamentais para refletir sobre as possibilidades de desmedicalização na APS (Tabet et al., 2017; Gaudenzi; Ortega, 2012; Silva; Tesser, 2013).

Diante dos achados, observa-se que a medicalização do sofrimento psicossocial ultrapassa o uso de medicamentos e intervenções clínicas, envolvendo também a forma

como o sofrimento é compreendido nos serviços de saúde. Os estudos evidenciam a importância de reconhecer a complexidade do processo saúde-doença e valorizar a participação dos indivíduos no próprio cuidado. Assim, a desmedicalização busca ampliar a compreensão do sofrimento e fortalecer a autonomia dos usuários, sem desconsiderar a importância das intervenções médicas quando necessárias (Tabet et al., 2017; Gaudenzi; Ortega, 2012; Silva; Tesser, 2013).

Entretanto, a efetivação dessas possibilidades na APS exige considerar os desafios na organização dos serviços e nas práticas profissionais, especialmente quanto à valorização dos aspectos psicossociais, à escuta qualificada e à construção compartilhada do cuidado. Além disso, os estudos analisados apresentam abordagens teóricas distintas e uma investigação empírica específica sobre acupuntura, o que exige considerar os limites das evidências disponíveis. Nesse contexto, é importante discutir como as práticas de cuidado na APS podem superar abordagens exclusivamente biomédicas e favorecer uma atenção mais integral, participativa e sensível às necessidades dos usuários.

CONCLUSÃO

A análise evidencia a influência do saber médico na medicalização do sofrimento psicossocial e seus possíveis impactos sobre a autonomia dos indivíduos. Em contrapartida, a perspectiva de superação desse fenômeno valoriza a participação dos usuários nas decisões relacionadas à própria saúde e fortalece a integralidade do cuidado. Práticas como a acupuntura ampliam as possibilidades terapêuticas, mas não garantem, isoladamente, mudanças no autocuidado. Nesse contexto, a Atenção Primária à Saúde (APS) desempenha um papel fundamental na construção de estratégias que considerem os aspectos sociais, emocionais e subjetivos do sofrimento. A escuta qualificada, o acolhimento e o respeito à singularidade dos usuários favorecem um cuidado mais humanizado, participativo e comprometido com a autonomia.

Entretanto, a quantidade reduzida de estudos e a predominância de discussões teórico-conceituais limitam a generalização dos resultados, especialmente quanto à aplicação de estratégias de cuidado na APS. A valorização de abordagens que ultrapassem a centralidade da medicalização constitui uma perspectiva relevante para o fortalecimento do cuidado integral e humanizado. Dessa forma, novas pesquisas são necessárias para aprofundar a compreensão desse fenômeno e identificar estratégias que promovam a autonomia dos usuários e a qualificação do cuidado em saúde mental na APS.

AGRADECIMENTOS

Universidade Regional do Cariri (URCA), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento, Científico e Tecnológico (FUNCAP).

REFERÊNCIAS

GAUDENZI, P.; ORTEGA, F. O estatuto da medicalização e as interpretações de Ivan Illich e Michel Foucault como ferramentas conceituais para o estudo da desmedicalização. **Interface (Botucatu)**, v. 16, n. 40, p. 21-34, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-32832012005000020.

SILVA, E. D.; TESSER, C. D. Experiência de pacientes com acupuntura no Sistema Único de Saúde em diferentes ambientes de cuidado e (des)medicalização social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, n. 11, p. 2186-2196, nov. 2013. DOI: 10.1590/0102-311x00159612.

TABET, L. P. et al. Ivan Illich: da expropriação à desmedicalização da saúde. **Saúde em Debate**, v. 41, n. 115, p. 1187-1198, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0103-1104201711516.